



Resenhas



WESTHELLE, V. (2008), *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal/EST.

“JESUS TEM UM PAR DE NÁDEGAS”

Por Silas Fiorotti¹

Esse foi um dos melhores livros de teologia que já lemos, porque o autor fala especificamente do escândalo da cruz. Mesmo que ele assuma que “Não há teo-logia da cruz” (p. 161) – como discurso sistematizado, talvez somente como um modo de vida –, porque simplesmente não é possível conceber uma sem evadir-se do escândalo caindo no dolorismo, derrotismo, ressurreic平onismo e cinismo, apesar da impossibilidade conclama-nos à transgressão que se faz necessária para possuirmos o sofrimento, o vazio, o empoderamento e as cicatrizes da cruz – se nossos teólogos contemporâneos não podem ajudar muito, pelo menos temos a poesia de Adélia Prado:

Festa do corpo de Deus (Adélia Prado)

Como um tumor maduro
a poesia pulsa dolorosa,
anunciando a paixão:
“Ó crux ave, spes unica
Ó passiones tempore”.
Jesus tem um par de nádegas!

¹ Silas Fiorotti é bacharel em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e participa do Coletivo por uma Espiritualidade Libertária. E-mail: silas.fiorotti@gmail.com.

Mais que Javé na montanha
esta revelação me prostra.
Ó mistério, mistério,
suspenso no madeiro
o corpo humano de Deus.
É próprio do sexo o ar
que nos faunos velhos surpreendo,
em crianças supostamente pervertidas
e a que chamam dissoluto.
Nisto consiste o crime,
em fotografar uma mulher gozando
e dizer: eis a face do pecado.
Por séculos e séculos
os demônios porfiaram
em nos cegar com este embuste.
E teu corpo na cruz, suspenso.
E teu corpo na cruz, sem panos:
olha para mim.
Eu te adoro, ó salvador meu,
que apaixonadamente me revelas
a inocência da carne.
Expondo-te como um fruto
nesta arvore de execração
o que dizer é amor,
amor do corpo, amor.

O autor, Vítor Westhelle², é um teólogo brasileiro – protestante de tradição luterana – que é professor de Teologia Sistemática na pós-graduação da *Lutheran School of Theology* em Chicago, nos Estados Unidos. Inclusive o livro em questão foi lançado originalmente em inglês nos Estados Unidos em 2006, infelizmente não sabemos como ele foi recebido por lá.

² Veja a página: <http://www.vitorw.com>.



Os quatro primeiros capítulos (*capítulo 1 – Evasões do escândalo; capítulo 2 – O Deus escandaloso: os estágios iniciais de uma teologia da cruz; capítulo 3 – Deus contra Deus: a Reforma no passado e no presente; e capítulo 4 – Usos e abusos: críticas e respostas modernas*) têm um enfoque histórico em que são apresentadas as diferentes teorias sobre a cruz. O autor resgata o escândalo através da teologia de Lutero, o teólogo da cruz:

[Lutero] diz que um teólogo só pode merecer ser chamado de teólogo se a teologia é feita do ponto de vista do sofrimento e da cruz. Qual seria a alternativa? A teologia baseada no que a razão é capaz de racionalizar, no que a jurisprudência é capaz de justificar e no que o mercado é capaz de regular quanto ao valor do trabalho. (p. 61)

Ou seja, o escândalo da cruz só permanece escandaloso quando fere nossa razão. Por isso é preciso abandonar a razão como infraestrutura para fé. Sabemos que nem mesmo John Stott escapou dessa armadilha. No clássico livro *A cruz de Cristo* (2006) ele retoma a teologia de Anselmo de Cantuária, teólogo do século XI, que busca explicar por que a cruz foi necessária.

No livro *Por que Deus se fez homem?* (2003), Anselmo argumenta que Deus precisava perdoar a humanidade mas não podia, por isso enviou Jesus para morrer pela humanidade. Ou seja, a humanidade, em Adão e Eva, pecou contra Deus e porque Deus é infinito adquiriu com isso uma dívida infinita. E Deus, por sua vez, quer perdoar e salvar mas não pode porque é justo, ele castiga os maus e premia os bons. A humanidade não pode pagar sua dívida infinita

porque ela é finita, então Deus envia Jesus, que veio como Deus e homem, para morrer no lugar da humanidade e pagar essa dívida. Uma argumentação, que segundo Westhelle, não estava presente no arcabouço teológico neotestamentário e suas duas interpretações do sofrimento e morte de Jesus:

O que provoca o destino da vítima inocente? A diferença entre as duas interpretações do sofrimento e morte de Jesus - (a) o justo tem que ser morto, e (b) o Filho da Humanidade tem que ser entregue às mãos da humanidade - baseia-se em sua causa. Na primeira, é a infidelidade do povo; a segunda sugere uma preordenação divina. Em nenhuma das duas, um conteúdo salvífico ou expiatório está anexado ao destino do justo. (p. 35)

Os demais capítulos (*capítulo 5 – Conhecimento e sofrimento: implicações epistemológicas da cruz; capítulo 6 – Cruz e poesia: a máscara de Deus e a responsabilidade humana para com a criação; capítulo 7 – A prática da ressurreição: a sustentação da abertura de vitimações passadas; capítulo 8 – Uma “teoria” da cruz – as artes humanas: poiesis, praxis e theoria; capítulo 9 – Cruz e escatologia: os confins do mundo; e capítulo 10 – As estações da cruz revisitadas: Via Crucis et Resurrectionis*) têm um enfoque temático em que são apresentados diferentes questionamentos levantados pela cruz na teologia contemporânea. Já no capítulo 5 Westhelle propõe o “conhecimento transgressivo” como método teológico e logo em seguida fornece uma interpretação sobre a causa da morte de Jesus:

conhecimento transgressivo – um/a teólogo/a da cruz deveria transgredir constantemente os limites de epistemes aceitas, seja para corroborar a decisão de transmitir aquela moldura



de significados ou para criticá-la. Outros teólogos chamaram-na de ‘ruptura epistemológica’, o momento quando um significado convencional se esfacela para abrir novas possibilidades. (p. 95)

Jesus morreu na cruz porque nomeou a lei que mata e praticou a cura que restaura. Ele o fez precisamente por entrar na margem da lei, em um sentido por radicalizá-la e estender seu significado até os limites – como no Sermão do Monte – e, em outro sentido, ao transgredi-la – como nos milagres ou no perdão gracioso de pecadores. (p. 96)

Podemos citar diversos trechos do livro, mas acreditamos que a principal contribuição de Westhelle foi mostrar que nenhuma teologia é perene ou permanece imutável diante da cruz. Nesse momento em que qualquer teólogo, principalmente das margens, que pensa um pouco diferente é logo estigmatizado ou até mesmo denominado de herético e só aceita-se o fundamentalismo norte-americano como norma, parece mesmo que continuamos sendo colonizados teologicamente. É o momento de valorizarmos nossas próprias heresias:

Onde a heresia não é mais possível, a novidade também é uma impossibilidade. A palavra heresia significa etimologicamente ‘uma escolha’, ‘uma opção’ ou ‘ser colocado à parte’, mas ela também pode significar ‘conquista’, ‘captura’. A ironia nisso é que a ‘conquista’ européia ou ocidental do mundo, a grande ‘heresia’, tornou-se a norma da qual nenhum desvio era possível, nenhuma ‘anti-heresia’ seria permitida. A heresia tornou-se absoluta, normativa. Espacialmente, o *eschaton* tinha sido alcançado. O único significado que sobrou para ser atribuído à palavra era um significado exclusivamente temporal. (p. 158)

Referências bibliográficas

- ANSELMO. (2003), *Por que Deus se fez homem?* São Paulo: Fonte Editorial.
- PRADO, A. (1991), *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano.
- STOTT, J. (2006), *A cruz de Cristo*. São Paulo: Vida.
- WESTHELLE, V. (2008), *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal/EST.